

MEMÓRIA E IDENTIDADE PUNK NOS EXTRAMUROS DE BRASÍLIA

MEMORY AND PUNK IDENTITY BEYOND BRASÍLIA'S WALLS

Moacir Oliveira de Alcântara

Universidade de Brasília - UnB
moa7782@gmail.com

Resumo: Este artigo discute narrativas de sujeitos punks oriundos de regiões periféricas do Distrito Federal. Trata-se de, sob o prisma historiográfico, investigar memórias e identidades de sujeitos punks imersos no território geográfico e simbólico das cidades-satélites nas décadas de 1980 e 1990. A partir de relatos orais de pessoas que participaram da cena punk tramada nos “extramuros” de Brasília, intenta-se perscrutar narrativas não hegemônicas acerca do punk nesses contextos. Ainda que invisibilizado no discurso da grande mídia e em outros dispositivos difusores das memórias consideradas oficiais do rock de Brasília, o punk articulado nas periferias da Capital Federal corresponde a um longo cenário musical e comportamental *underground*, perpassado por múltiplas vivências, experiências e ativismo político de inspiração anarquista.

Palavras-chave: Punk. Memória. Identidade.

Abstract: This article aims to discuss narratives of punk subjects from Brasília’s peripheral areas. It is about to use the historiographical prism to investigate the memories and identities of subjects immersed in the geographic and symbolic territory of Brazil's Federal District satellite cities in 1980's and 1990's. Based on oral reports by people who took part in the punk scene plotted outside “Brasília's walls”, the analysis aims to scan non-hegemonic narratives about punk in that context. Although hidden by the mass media discursive strategies and other apparatus that have been spreading Brasilia's rock n' roll music official memories, the punk from Brazil's capital city peripheral areas refers to a long-standing musical and behavioral underground scene, informed by a diversity of experiences and anarchist-oriented political activism.

Keywords: Punk. Memory. Identity.

Considerações iniciais

O movimento punk de Brasília tem tido a sua história contada em suportes diversos como mídias jornalísticas, livros, produções em audiovisual, dissertações e teses acadêmicas que tratam das memórias do rock da Capital Federal nos anos 1980. Um olhar sobre essa produção evidencia memórias que dizem respeito a fatos, sujeitos e experiências quase sempre restritos à região do Plano Piloto. Nesse sentido, a história do punk no Distrito Federal tem sido compreendida como a história de jovens intelectualizados de classe média, com poder aquisitivo para viajar e consumir produtos culturais relacionados ao rock, como revelam algumas pesquisas acadêmicas e independentes (MARCHETTI, 2001; VIEIRA, 2005; MAGI, 2014). Assim, são precisamente as inquietações suscitadas pela subalternização das memórias do punk das cidades-satélites de Brasília que inspiram este artigo.

Trata-se de fazer visível o punk dos “extramuros”¹ de Brasília a partir dos anos 1980. Não é objetivo, no entanto, desvalorizar pesquisas e demais produções relacionadas ao que tradicionalmente se entende como sendo o punk de Brasília, mas de oferecer novas vias de compreensão que possam abranger outros atores e memórias nesse cenário. Esse escopo está em conformidade com um esforço para contribuir com a desconstrução/desnaturalização de perspectivas estereotipadas e homogeneizantes que perpassam representações, discursos e imaginários difundidos socialmente acerca do punk, projeto iniciado em pesquisa anterior².

Dentre as mais destacadas obras acerca do cenário do rock de Brasília, o livro “O diário da turma - 1976-1986: A história do rock de Brasília” do jornalista Paulo Marchetti (2001) apresenta o punk da cidade a partir dos pontos de vista de produtores, músicos e outros artistas que protagonizaram uma movimentação de jovens filhos de diplomatas, militares, professores universitários e de outros servidores públicos, conhecida como “Turma da Colina”, em referência aos blocos que servem de moradia aos professores da Universidade de Brasília. Da Turma da Colina emergiram a Plebe Rude e o grupo punk rock Aborto Elétrico, esse último o embrião que deu origem às bandas Legião Urbana e Capital Inicial. Ainda que pontualmente dê visibilidade e faça algumas rápidas referências ao punk das cidades-satélites,

¹ Atualmente nomeadas de Regiões Administrativas do Distrito Federal (RA's), as chamadas cidades-satélites guardam índices desiguais de desenvolvimento socioeconômico em comparação ao Plano Piloto. Como bem ensina Vesentini, “as cidades-satélites tal como existem hoje não estavam previstas no plano original de Brasília. Mas algumas delas surgiram antes mesmo da inauguração da nova Capital do Brasil [...]. Brasília é pensada exclusivamente como Plano Piloto, sendo que as cidades-satélites estariam nos “extramuros”, à imagem mesmo de um Estado comprometido com os interesses do capital monopolista, mas divorciado da sociedade civil” (VESENTINI, 1986, p. 146).

² A dissertação intitulada “Violentos, selvagens e baderneiros: representações e modos de subjetivação do punk no jornal Correio Braziliense (1990-2014)”, resultante de minha pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (PPGHIS/UnB).

Marchetti faz isso de modo a reforçar estereótipos que o associam à violência, delinquência e ao vandalismo, tal qual revela a fala de Alexandre “Podrão”, vocalista das bandas punks Detrito Federal e BSB-H, destacada no livro:

Uma vez planejamos uma briga com os playboys. Era uma turma mais barra pesada, um pessoal das cidades-satélites. Isso rolou em 86. Chamamos de “Plano Mosca”. Fretamos um ônibus e fomos ao Gilberto Salomão atrás de playboy. [...] O saldo da confusão foi três dos nossos presos. Eu tomei muita pancada. Conseguimos incendiar umas nove motos e saqueamos o Giraffa’s (MARCHETTI, 2001, p. 66).

A partir do excerto supracitado, a questão que se pretende colocar no presente artigo diz respeito não apenas às razões da constatada invisibilidade do punk das regiões periféricas do Distrito Federal, seja em produções como a de Marchetti, seja no discurso midiático, mas incluir a essa compreensão os elementos que determinam que os estigmas e estereótipos de violência acompanhem os modos de se perceber e de se referir ao punk das cidades-satélites, ao passo que o punk das regiões centrais de Brasília é pensado como cenário artístico e perpassado por conotações menos negativas.

Ainda que também concentrado no punk/*hardcore* da região do Plano Piloto entre os anos de 1984 e 2004, o livro “Esfolando ouvidos: memórias do hardcore em Brasília”, de autoria de Evandro Vieira (2005), é revelador da existência de uma movimentação punk nas cidades-satélites de forma concomitante no período. Sob a honesta ressalva de que a obra não se trata de uma tentativa de contar uma história definitiva do punk/*hardcore* de Brasília, mas de apresentar um relato de experiências pessoais, Vieira delinea uma narrativa na qual as personagens consideradas célebres nesse cenário, geralmente oriundas da região do Plano Piloto, dividem espaço com bandas, músicos, produtores, editores de *zines* e outros artistas ligados ao punk de cidades-satélites como Guará, Taguatinga, Gama e Ceilândia. Não se trata de um trabalho que segue os rígidos parâmetros acadêmicos, mas que contribui para evidenciar o caráter problemático de se pensar o punk do Distrito Federal como algo restrito a Brasília.

Esse padrão de percepções em torno do punk de Brasília também é difundido na linguagem cinematográfica, como bem explicita a resenha intitulada “Um Renato Russo predestinado” de autoria da socióloga Érica Magi (2014) acerca do filme “Somos tão jovens” (2013, Brasil). Segundo a autora, a narrativa fílmica diz respeito à juventude de Renato Russo, descrevendo o movimento punk de Brasília como parte do horizonte das “experiências sociais e culturais de uma classe média com poder aquisitivo, intelectualizada e muito viajada – uma parcela ínfima da população brasileira nas décadas de 1970 e 80” (MAGI, 2014, p. 2).

Tendo em conta as colocações de Magi e as disparidades socioeconômicas observadas no Distrito Federal, fator que reflete uma Brasília pensada e percebida estritamente como Plano Piloto (VESENTINI, 1986, p. 146), infere-se que o punk referido em “Somos tão jovens” não contempla expressões originadas nas cidades-satélites, mas é compreendido como manifestação (contra) cultural que corresponde a privilégios e condições materiais muito específicas das quais um indivíduo punk suburbano/periférico não participaria ou teria acesso.

Semelhante compreensão se reitera em dissertações como “Espaços de lazer e culturas jovens em Brasília: o caso dos bares”, do sociólogo Gilberto Luiz Lima Barral (2006) e “Que cidade é esta?: A *urbs* brasiliense nas letras do álbum ‘Que país é este? 1978-1987’ da banda Legião Urbana” (2013), de autoria de Wesley Rosa Günther, defendida no Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília. Ao analisar aspectos das sociabilidades, vivências e experiências urbanas concretas de jovens de Brasília, Barral irá tacitamente reafirmar o entendimento corrente de que o punk de Brasília é restrito geograficamente à região do Plano Piloto (BARRAL, 2006, p. 41), ao passo que Günther declara que falar do rock de Brasília e, por conseguinte, do punk rock da cidade, é exclusivamente fazer referência ao Plano Piloto (GÜNTHER, 2013, p. 47).

Um dos aspectos que invariavelmente contribuem para o apagamento das memórias do punk das cidades-satélites é a compreensão de que essas são áreas fortemente dominadas pelo crime e pela pobreza, logo, correspondentes a bens culturais e a valores simbólicos/imateriais considerados menores ou irrelevantes. Some-se isso às representações carregadas de estigmas, estereótipos e adjetivações negativas difundidas na mídia que alimenta imaginários segundo os quais as satélites seriam um bloco uniforme, caracterizado por completa ausência de vida cultural. A respeito desse aspecto, Tavares (2012) chama atenção, na tese intitulada “Na quebrada, a parceria é mais forte - Juventude hip-hop: relacionamento e estratégias contra a discriminação na periferia do Distrito Federal” para o esforço do jornal *Correio Braziliense*, maior veículo da mídia impressa local, para conectar variados grupos de jovens associados a manifestações culturais nas periferias do Distrito Federal com a criminalidade, a violência e formação de gangues entre os anos de 1985 e 1994:

De fato, as dezenas de horas de trabalho permitiram a constatação de que, até os anos oitenta, as atividades de lazer, bem como a produção cultural do Distrito Federal se restringiam ao Plano Piloto de Brasília. O jornal possuía um caderno chamado “Brasília”, no qual eram reportados fatos da cidade, incluindo-se as atividades de lazer. Havia também o caderno “Dois”, relacionado a uma escassa programação cultural também concentrada em Brasília, o caderno “Cidades” só seria criado no início dos anos noventa. Nesse período, os acontecimentos relacionados às

demais cidades-satélites e à sua juventude se restringiam aos cadernos policiais e esportivos. (TAVARES, 2012, p. 64).

Não é o caso, entretanto, de se buscar medidas moralizantes ou de se fazer juízos de valor acerca da legitimidade ou da invalidade das perspectivas observadas tanto no discurso midiático quanto nas pesquisas acadêmicas ou independentes elencadas anteriormente, mas tão somente de se pensar o punk do Distrito Federal em espaços outros que não aqueles restritos ao Plano Piloto e para além dos feitos culturais/artísticos de uma classe média intelectualizada ligada ao punk. Intenta-se discutir as possíveis interconexões e entrecruzamentos entre o punk de Brasília e o punk das satélites a partir da análise de narrativas orais de partícipes desse cenário. Nesse sentido, foram entrevistadas quatro pessoas que participaram ativamente da constituição do cenário punk das cidades-satélites nos anos 1980 e 1990.

Levando em conta as disparidades socioeconômicas características do Distrito Federal, tornam-se mais identificáveis os reflexos dessas desigualdades no âmbito do movimento punk, bem como as particularidades, processos de significação e ressignificação e práticas discursivas que envolvem esses sujeitos. As diferenças e contradições identitárias observadas nas relações entre o punk de Brasília e o punk das cidades-satélites talvez possam ser compreendidas como análogas àquelas observadas na dissertação intitulada “O movimento punk no ABC paulista – Anjos: uma vertente radical”, do sociólogo Aldemir Leonardo Teixeira (2007). Em sua pesquisa, Teixeira aponta que a expressividade do punk do centro da capital paulista dos anos 1980 é tributária do acesso que seus adeptos tinham a *zines*, discos, informações e, sobretudo, de larga exposição nos veículos de mídia no período, ao passo que o movimento punk da área do ABC paulista, reduto industrial da região metropolitana de São Paulo, se tornou notório por sua correlação com as pautas operárias e sindicais. Assim, compreende-se que os traços particulares da memória e da identidade punk variam territorial e temporalmente: enquanto alguns afirmam um punk pautado no consumo, intelectualizado e diretamente influenciado por matrizes norte-americanas ou europeias, outros afirmam ressignificações do punk nos termos da linguagem, dos códigos e das condições particulares da juventude periférica.

São os elementos desses antagonismos que se pretende debater no presente artigo, atentando para as idiosincrasias identitárias que perpassam as memórias de sujeitos e coletividades conectadas ao punk do Distrito Federal.

Punk, processos identitários e memória

O uso das noções de memória e identidade como parte de um instrumental de análise histórica do punk sinaliza os efeitos de suas especificidades na constituição desse sujeito. Ao mesmo tempo, revela a multiplicidade dos modos de ser punk que se relacionam a fatores territoriais, socioespaciais, de gênero, sexualidade, raça e classe social. Desse modo, a análise das narrativas dos entrevistados com base nas noções de memória e identidade propicia observar disputas contra o esquecimento e a subalternização. Emerge aí a resistência de sujeitos e coletividades punks de regiões periféricas do Distrito Federal compromissados em preservar suas memórias, já que elas são elemento central de sua própria consolidação identitária (Cf. WEHLING; WEHLING, 2003, 13). Como bem ensina Pollak (1992),

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (p. 204).

Na análise das narrativas dos entrevistados verificamos a incidência de memórias que assinalam o fato de que o punk no Distrito Federal não é historicamente restrito a jovens abastados das regiões centrais da cidade, como se pode inferir da maioria das obras que tratam do punk de Brasília, mas engloba a participação de sujeitos com origens na periferia. Porém, os enunciados que perpassam os discursos oficiais acerca da história do rock e do punk em Brasília revelam perspectivas homogêneas que não levam em conta as variadas posições de sujeitos, definindo, assim, padrões de identidade e subjetividade específicos acerca do que é o punk na cidade. Em um outro sentido, a invisibilização do punk das cidades-satélites em pesquisas acadêmicas e independentes, bem como no discurso midiático, pode ser compreendida como efeito das proeminentes desigualdades socioeconômicas que assinalam territorialmente o Distrito Federal.

Um olhar sobre a história e as memórias do *punk* de Brasília se torna problemático, portanto, na medida em que não leva em conta que as manifestações culturais da população comum da cidade não estão, em sua grande maioria, documentados ou presentes em produções cinematográfica, historiográfica ou midiáticas. Em geral, as poucas referências ao punk das cidades-satélites o apresentam de forma coadjuvante, subalterna ou mesmo como algo inexistente. Trata-se, portanto, de compreender as identidades punks historicamente articuladas no Distrito Federal não como fixas e direcionadas por memórias, discursos e

representações que se referem exclusivamente a jovens intelectualizados de classe média, mas de pensá-las como “celebração móvel” (HALL, 2006, p. 13), significadas e ressignificadas para além da memórias oficiais do rock de Brasília.

Nessa perspectiva, intenta-se conferir visibilidade a memórias que amplificam os sentidos das práticas discursivas e simbólicas que envolvem historicamente o movimento punk do Distrito Federal, assinalando outras posições de sujeito, lugares e modos de ser do punk diante dos discursos hegemônicos que o definem. Assim, compreendemos que os lugares de memória, sujeitos e práticas relacionados à história do punk na cidade correspondem a repertórios simbólicos que não apresentam sentido único, mas que dizem respeito a múltiplos processos e vínculos identitários.

Outras territorialidades do punk no Distrito Federal

Ao tratar da segregação espacial, social e econômica que caracteriza territorialmente o Distrito Federal, Vesentini (1986) afirma que há entre o Plano Piloto e as cidades-satélites uma relação que se articula a partir de contradições engendradas da própria constituição histórica, social e econômica do Brasil. Segundo o autor, a cidade de linhas arquitetônicas sofisticadas e futuristas sintetiza radicalmente os múltiplos antagonismos que caracterizam a nossa sociedade, já que as desigualdades nela observadas se originam de um projeto racional de insulamento dos estratos sociais mais baixos (VESENTINI, 1986, p. 145). Assim, as chamadas cidades-satélites decorrem da própria existência do Plano Piloto, não enquanto efeito colateral, como pode estar disseminado nos imaginários mais recorrentes, mas, como parte necessária e indispensável da lógica sob a qual a nova capital foi concebida.

Brasília, dessa forma, é uma só cidade, do Plano Piloto às cidades-satélites. Mas os mecanismos de segregação espacial que operam nas demais cidades do país, onde as diferenças socioeconômicas a nível territorial existem, mas não são tão evidentes assim, já que nelas o edifício luxuoso convive com frequência ao lado dos cortiços ou das favelas, em Brasília são mais acentuados: eles já foram dados por princípio, desde a concepção e a edificação da cidade (VESENTINI, 1986, p. 145).

Não por acaso, essa desigualdade tem nítidos efeitos na conformação do acesso e uso de aparelhos e espaços de lazer e entretenimento, bem como em relação à vida cultural da cidade como um todo. Nesse ordenamento, o morador das regiões periféricas do Distrito Federal, quase sempre se desloca para o Plano Piloto apenas para desempenhar funções consideradas subalternas: são os muitos porteiros de prédio, empregadas domésticas,

trabalhadores da construção civil, comerciantes informais, balconistas de lojas, jovens aprendizes, entre outros. Nesse sentido, bares, cafés, centros culturais, cinemas, casas de show, museus, praças e parques são comumente percebidos como espaços de circulação e patrimônio exclusivo da classe média composta pelos diferentes tipos de servidores públicos de Brasília. Como bem ensina Nunes (2003), tendo sido projetada para ser a capital do Brasil e abrigo principal da rede burocrática estatal no centro do país, Brasília é sustentada por esse aparato que é a fonte mais relevante de emprego na cidade, fator que define os padrões de poder aquisitivo de sua população e as relações de consumo que a perpassam. Paralelamente, desde a sua fundação, Brasília também atraiu enorme quantitativo de migrantes de pouca escolaridade e baixa qualificação para o mercado de trabalho que, assim, não puderam ser absorvidos pelos quadros do serviço público, tal qual assinala Nunes:

Com limites cada vez mais estreitos de oferta de postos de trabalho pelo Estado, essa massa de migrantes, em geral pouco capacitada para se inserir na administração pública, gera em pouco tempo um enorme quantitativo de desempregados que relativamente atinge taxas das mais elevadas do país. (NUNES, 2003, p. 131).

O aspecto principal relacionado ao movimento punk do Distrito Federal a se levar em conta com base no excerto supracitado é que esse é, via de regra, cenário de origem dos punks das regiões periféricas da cidade: famílias de migrantes de baixa escolaridade não absorvidas pelos setores do funcionalismo público e sitiadas pelo desemprego. Por conseguinte, a definição das manifestações culturais do punk de Brasília como estritamente realizadas por filhos de diplomatas, servidores públicos e profissionais liberais cujo perfil socioeconômico seria o do jovem branco, com acesso a boas escolas e universidades e consumidor de itens identitários das culturas juvenis estadunidenses ou europeias (ANDRADE, 2015, p. 12) não dá conta das nuances características dessa relação que, se aparenta rigidamente monolítica e uniforme, deu-se a partir de conflitos, trocas, assimilações, aquisições e intercâmbios dos quais sujeitos punks de áreas periféricas do Distrito Federal participaram ativamente. Gilmar Batista, vocalista da banda A.R.D. (After Radioactive Destruction, Gama/DF), pioneira do *hardcore/punk* na Região Centro-Oeste, fornece uma interpretação acerca do encontro entre punks de Brasília e punks das cidades-satélites do Distrito Federal nos anos 1980:

Suburbano é suburbano em qualquer lugar. Era chegar os punks do Gama e a tensão começava a rolar. Era mais ou menos assim: os punks do Plano Piloto que queriam sentir um pouco da adrenalina da realidade do subúrbio colavam com os punks do

Gama. A gente também horrorizava em festas no Lago Sul e Norte, brigando e enchendo a paciência para os DJ's tocarem nossas fitas cassetes.³

A fala do entrevistado é reveladora da participação de indivíduos punks de uma área periférica do Distrito Federal na conformação da cena punk considerada hegemônica na cidade. Ela sugere que os limites entre ambas, se rígidos quando avaliados na escala socioeconômica, eram reestabelecidos, ressignificados e reapropriados na dinâmica do punk na cidade, criando e recriando outros lugares de experiência para além das fronteiras dos espaços físicos e sociais definidos política e economicamente. Os deslocamentos mútuos de sujeitos punks das cidades-satélites para o Plano Piloto e de punks de Brasília fazendo o itinerário inverso, inferidos a partir da fala de Gilmar Batista, assinalam aspectos territoriais e identitários que impulsionam rupturas na lógica de segregação presente na conformação social e espacial do Distrito Federal. Nesse sentido, remetemos à noção de territorialidade punk proposta em “Enterrado, mas ainda vivo!: identidade punk e território em Londrina”, dissertação de mestrado de Nécio Turra Neto (2001): como errático, andante, nômade, em constante movimentação, o sujeito punk interage com a cidade e o grupo que integra, de modo a criar, concomitantemente, os seus próprios territórios e identidades a partir de pontos de encontro, lugares de permanência e aspectos de afetividade que irrompem entre punks no espaço urbano como referenciais que se sobrepõem de maneira multidimensional (Cf. TURRA-NETO, 2001, p. 196).

As perspectivas que encerram as múltiplas movimentações do punk no Distrito Federal a cenários exclusivos e estáticos – as “asas”, o conjunto residencial da Colina ou os *points*⁴ restritos da região do Plano Piloto como o Cine Centro São Francisco, o espaço Radicaos, a lanchonete Food's e o bar Cafofo, por exemplo (Cf. MARCHETTI, 2001) – desconsideram, portanto, esse caráter de constante deslocamento nômade que confere sentido e vai ressignificando os lugares, identidades, experiências e subjetividades conectadas ao punk à medida em que avança. Tal característica do punk é também abordada por Janice Caiafa (1985) na obra “Movimento Punk na cidade – a invasão dos bandos sub”, na qual a autora descreve as gangues ou bandos punks da cidade do Rio de Janeiro na década de 1980 como agrupamentos que não se fixam a lugares específicos, mas que se irradiam como fluxo constante no cenário urbano, sem que reconheçam fronteiras ou limites para a ininterrupta mobilidade que perpassa a ação dos sujeitos que deles participam.

³ Entrevista com Gilmar Batista, integrante da banda *punk* A.R.D., 09/10/2018.

⁴ Locais onde *punks* se encontram. O termo também se refere a uma reunião *punk* em si (Cf. CAIAFA, 1985, p. 15).

Se na primeira metade da década de 1980 os teatros, escolas, blocos residenciais, centro acadêmicos de universidades, lanchonetes e centros comerciais das entrequadras se tornaram os lugares do punk em Brasília, a maior fluência dessa movimentação fez com que, posteriormente, espaços públicos como as extensas praças e gramados, ginásios de esporte e galpões, tanto das cidades-satélites quanto do Plano Piloto, fossem incluídos como lugares de aglutinação, convívio e interação entre punks que vinham de diferentes regiões da cidade e por elas se deslocavam. Nos processos de elaboração de uma movimentação punk mais voltada à militância política anarquista na transição dos anos 1980 para a década de 1990, esses espaços públicos passaram a ser lugares de confluência e debate acerca dos ideários defendidos por punks de diversas partes do Distrito Federal e região do entorno, bem como de realização de *gigs* e outros eventos, tal qual emergem nos relatos dos entrevistados Luydson Álvares e Robson “Fofão”:

Estávamos frequentando uma reunião no gramado da torre de TV, onde, além dos punks da nossa quebrada, ficamos conhecendo o pessoal que vinha do Gama, Sobradinho, Plano Piloto, Planaltina, Taguatinga e Entorno. O que foi interessante é que os assuntos ali abordados eram sobre organização coletiva com uma visão política e radicalismo ideológico anarquista. Aquilo foi bem assimilado porque na escola já havíamos criado uma cisma com um pessoal que estava sendo doutrinado por alguns docentes com uma visão de ditadura do proletariado, marxismo, leninismo, salvação da pátria, Cuba, Prestes, bolcheviques e aquela porra toda. Tínhamos aversão àqueles argumentos padronizados de esquerda, tanto quanto aos de direita. Os caras na escola tentando nos convencer que ditadura, seja qual for o nome que ela se maquiasse, seria uma opção viável. Assistiram uma série na TV chamada Anos Dourados e foram na pilha de um professor comunista de salão. Aquela conversa torrava o saco e cheirava mal.⁵

Nos anos 80, os eventos punks no Gama eram praticamente todos feitos em praças. No Setor Oeste, Setor Sul, Setor Leste. Um ou outro evento era realizado no Ginásio de Esportes do Gama. Nos anos 90 também se usou o Ginásio de Esportes diversas vezes. Aconteceram alguns eventos em bares como o Escorpião, até a galera achar o Teatro Galpãozinho. O primeiro show com bandas punks lá foi em 1993 e eu tive a sorte de estar ajudando na produção. Até hoje o Galpão é palco para shows punks e de rock em geral! Já virou tradicional aquele pequeno quadrado de lata e acústica ruim que gostamos tanto⁶.

A despeito de ser um formato ainda novo no Brasil à época, o que se propunha entre os punks do Distrito Federal no período de transição dos anos 1980 para a década de 1990, nitidamente influenciados pelas vertentes *hardcore* e *anarcho/peacepunk* britânico de grupos

⁵ Entrevista com Luydson Álvares, ex-integrante das bandas punks T.F.P. (Terror, Fome e Poder) e Musikastro, 09/10/2018.

⁶ Entrevista com Robson “Fofão”, integrante da banda punk Besthöven, 09/10/2018.

como *Crass*, *Conflict*, *Rudimentary Peni* e *Icons Of Filth* e pelas ações do *Stop the City*⁷, pretendeu alcançar um modelo de organização política mais coesa que aquelas vistas entre punks da cidade anteriormente. Se os espaços públicos frequentados por punks nesse período foram palco de interações intersubjetivas diversas, reuniões descompromissadas, diversão e entretenimento, foram também ponto de partida para panfletagens, debates, performances, ensaios, manifestações, protestos e outras ações diretas de divulgação dos posicionamentos políticos, filosóficos e artísticos daqueles punks anarquistas. Em síntese, os fluxos por esses territórios não se resumem a movimentações de lugar a lugar, mas do exercício de uma autonomia criada a partir de práticas de apropriação que refletem e são refletidas nos processos identitários, posicionamentos, valores e subjetividades desses sujeitos.

Nessa época (final dos anos 1980), ingressamos no movimento – eu e o Rato. Conhecemos o núcleo do C.R.U. (Conscientes Radicais Unidos) que era no Gama e tinha o Neném (Alarme), Cidão, Alfredo (Pastel e Caldo de Cana) e outros mais. Eu acreditava que o C.R.U. mudaria mesmo, pois tinha uma base muito forte. Era organizado em seus atos e com pessoal bem coerente. Se o C.R.U. continuasse com a sua organização, agora poderia ter uma sede e até um sítio.⁸

Procurei saber de onde e como surgiu aquele movimento que atraía pessoas de várias localidades. Por volta do final dos anos 80, alguns punks do Gama e Taguatinga pretendiam levar a cena a um nível mais politizado e amenizar a imagem estigmatizada de bandidagem e vandalismo. Com a atração de outros elementos simpatizantes deste ideal, no caso a Juventude Libertária que era ligada a COB (Confederação Operária Brasileira) de veia anarquista, então rolou uma “simbiose” e foi criado o C.R.U. (Conscientes Radicais Unidos), a junção deste pessoal foi o embrião do Movimento Anarco Libertário (MAL), que logo ficou conhecido como Movimento Anarco-punk (MAP/DF). As atividades eram desde organizações de shows, agenda de protestos, seminários, distribuição de zines e mídias entre ativistas, simpatizantes e interessados. Existiam alguns conflitos com outros grupos, mas geralmente no nível pessoal e ideológico, as únicas vezes que as coisas foram relacionadas à violência urbana e a casos policiais foram ocasionadas por conflitos com os skinheads desta época. No período entre 1990 e 1994 foi quando os punks estiveram mais ativos em toda a cidade, depois disso me afastei por motivos pessoais.⁹

Nesses percursos marcados pelo nomadismo e em que se dão entrecruzamentos e elaborações identitárias e territoriais, inúmeras estratégias e suportes para divulgação das

⁷ Série de manifestações que contaram com expressiva participação de *anarcho-punks* entre 1983 e 1984 na cidade de Londres. O alvo dos protestos foi o distrito financeiro, militar e industrial de Londres (“The City”), já que esse consistia, na visão dos manifestantes, lugar de representação da “guerra, pobreza, exploração e opressão em todo o mundo, e que [...] ameaçava colocar o planeta em um conflito nuclear final” (CROSS, 2016, p. 118, tradução nossa). As manifestações do STC serviram para, posteriormente, formatar grande parte das ações de grupos *anarcho-punks* britânicos.

⁸ Entrevista com Ricardo “Frango”, ex-integrante das bandas punks Desakato à Autoridade, Besthöven e T.F.P. (Terror, Fome e Poder). Disponível em: <<http://www.dopropriobolso.com.br/index.php/musica-34379/44-musica-brasileira/1945-brasilia-fina-flor-do-rock-2005>> Acesso em: 03 fev. 2021.

⁹ Entrevista com Luydson Álvares, ex-integrante das bandas punks T.F.P. (Terror, Fome e Poder) e Musikastro, 09/10/2018.

perspectivas político-ideológicas de diferentes grupos de punks do Distrito Federal eram adotadas. Dentre as mais relevantes, os fanzines, panfletos, *flyers*, grafite e aquele que talvez seja um dos elementos mais presentes e centrais a participar dos processos de subjetivação e de constituição identitária de sujeitos punks, a música. Seja nas formas do punk rock, do *hardcore* ou do *streetpunk*, o discurso musicado punk assinala territorialidades, produção de sentidos, aspectos da cotidianidade, representações e práticas discursivas, ou seja, repertórios interpretativos¹⁰ dos quais é possível inferir as posições do sujeito punk.

Também referindo-se ao aspecto das divergências surgidas entre diferentes grupos punks do Distrito Federal entre os anos 1980 e 1990, a narrativa do entrevistado Robson “Fofão”, da banda *d-beat/hardcore* Besthöven, apresenta dados interessantes nesse sentido:

Sempre teve. Mesmo na época em que andavam um ou outro junto, o povo acabava falando mal um do outro. Os punks das satélites eram mais radicais, usavam mais visual, tocavam e ouviam som mais agressivo. Tinham um idealismo mais agressivo. O povo do Plano era mais limpinho, o som tinha mais a ver com bandas de *hardcore* americano, *crossover* ou melódico. Não era a mesma “vibe”. Nem mesmo a linha das letras das bandas. O pessoal do Plano tinha um “quê” de besteiro também nas letras, falavam de sexo, diversão, etc. A galera das satélites era mais séria. Observo isso desde o fim dos anos 80, mas nunca vi nada muito grave entre as cenas, nunca vi gente sair na porrada por causa do som. Eu até já vi isso quase acontecer, mas ficou tudo bem no final. Vira e mexe as bandas das satélites e do Plano estavam, no fim das contas, tocando junto aqui e ali.¹¹

Com base no excerto anterior, é possível observar determinados “lugares praticados” do punk no Distrito Federal no período, ou seja, os lugares de onde se proferem as falas indicativas de seus múltiplos ordenamentos discursivos (Cf. BRITO, 2007, p. 214), diferentes identidades e posições de sujeitos. Nesse sentido, a música punk propicia o acesso a memórias, percepções e modos de se posicionar da subjetividade punk em relação a, por exemplo, questões políticas, identitárias e de classe.

Rigidez e veemência na defesa de perspectivas político-ideológicas, assim como fidelidade na ostentação de seus símbolos e códigos culturais costumam ser aspectos valorizados entre sujeitos punks. Em contraste com o entendimento corrente de que o punk é campo que não se submete a regras, uma práxis comumente observada é a da reprovação de quaisquer elementos considerados destoantes, contrastantes ou alheios a esse universo. Não raro, a aquisição de elementos do *heavy metal* ou de códigos provenientes de linhagens

¹⁰ Repertórios interpretativos são “dispositivos linguísticos que utilizamos para construir versões das ações, eventos e outros fenômenos que estão a nossa volta” (POTTER; WETHERELL *Apud* SPINK, 2013, p. 28).

¹¹ Entrevista com Robson “Fofão”, integrante da banda punk Besthöven, 09/10/2018.

consideradas comerciais ou suavizadas do punk – *post punk* e *new wave*, para não extrapolar os limites temporais da década de 1980 – foram vistas como uma “traição” ao movimento. Fatores de classe, conflitos por território e legitimidade de pertencimento por vezes emergiram na relação entre os punks moradores de áreas periféricas do Distrito Federal e os atores sociais considerados protagonistas e notáveis do punk rock de Brasília. Nesse sentido, rechaçar as personagens da Turma da Colina, alçadas à condição de ídolos nacionais gestados no cenário punk rock local, simbolizava compromisso radical com a identidade punk do jovem da periferia, iconoclasta e contraposto a tudo aquilo que se adequa aos ordenamentos ditados pelo *establishment*. O depoimento do entrevistado Gilmar Batista nos traz alguns parâmetros que assinalam identidades e subjetividades punks urdidas na realidade periférica das cidades-satélites diante dos punks originários do cenário da Colina:

Havia também a Legião Urbana, uma banda que os punks verdadeiros da época queriam esquecer que um dia foi uma banda punk, já que no primeiro LP eles se venderam e se submeteram a fazer o som que a gravadora queria. A Legião Urbana fez uma turnê de lançamento por várias cidades do D.F. e eu estava no show que aconteceu no Gama. Fiquei todo o show cuspiendo nos caras e os chamando de traidores. Isso ninguém conta. Negrete me olhava todo sisudo. Mas esse era o sentimento dos punks reais da época.¹²

Os enunciados que se exteriorizam na fala do punk Gilmar Batista são atravessados por uma percepção de oposição à indústria fonográfica e pela recusa à legitimação de ídolos por ela criados. Sobrelevam-se aí os posicionamentos políticos considerados mais radicais referidos nas narrativas de alguns entrevistados como sendo um aspecto característico da identidade punk urdida nas cidades-satélites. Para esses sujeitos, as mudanças na sonoridade, que foi do punk rock para o *post-punk/new wave*, e o sucesso comercial da Legião Urbana foram vistos como algo a ser criticado e ferozmente rechaçado enquanto mera mercadoria ou produto corporativo¹³. O excerto destacado explicita, ainda, relações de poder e aspectos de uma luta pelo direito à memória e à história em torno de fatos, atores sociais, personagens e lugares do *punk* nas cidades-satélites diante das “memórias triunfantes” (Cf. SILVA, 2003, p. 67) da chamada Turma da Colina e do punk de Brasília. Trata-se de chamar atenção para questões que ensejam a problematização de imagens, sentidos e significados que têm sido difundidas no cinema, nos *media* e no debate acadêmico acerca da história do punk no

¹² Entrevista com Gilmar Batista, integrante da banda punk A.R.D., 09/10/2018.

¹³ Consoante as colocações de O’Hara no livro “A filosofia do punk: mais do que barulho”, o punk se constituiu como uma exceção diante dos direcionamentos tomados pelo rock n’ roll, na direção contrária de sua “diluição comercial/exaustão criativa, cooptação e domínio pelas forças do *mainstream*” (ANDERSEN Apud O’HARA, 2005, p. 30).

Distrito Federal. Assim, chamamos atenção para o fato de que, hegemonicamente, as representações do punk do Distrito Federal participam de um ordenamento discursivo que privilegia arquétipos de subjetividades de sujeitos punks exclusivamente enquanto jovens intelectualizados de classe média, ao passo que sistematicamente ocultam as ações de sujeitos punks provenientes das áreas periféricas.

No que diz respeito a lugares da memória e da territorialidade do punk nas cidades-satélites, Marchetti (2001) menciona o Teatro Rolla Pedra, localizado em Taguatinga, onde na década de 1980 se apresentavam bandas como Os Ratos de Brasília, Elite Sofisticada, Mantenha Distância e nomes mais conhecidos, ainda em início de carreira, como Plebe Rude, Capital Inicial e Legião Urbana (p. 94-95). Em suas narrativas, os entrevistados indicaram, ainda, a praça do Cine Itapuã e o Ginásio de Esportes, nos anos 1980, o bar Escorpião e o Centro Cultural Teatro Galpãozinho, a partir da década de 1990, como lugares de lazer, encontros, interações e eventos diversos ligados à cultura punk como *gigs*, exposições de fanzines, fotografia, debates e grafite na cidade-satélite do Gama.

A praça da Administração de Ceilândia e a Praça do D.I., em Taguatinga, era onde os punks se encontravam para trocar ideias aqui na nossa área, tá ligado? No começo dos anos 90 a maioria dos punks de Ceilândia ia para outras cidades à procura de interação porque lá não existiam bandas punks, só existiam projetos toscos que não duravam muito tempo.¹⁴

Segundo alguns dos entrevistados, a circulação e os encontros acontecidos nesses lugares propiciaram a formação de bandas, quase todas musicalmente definidas como *hardcore/punk*, alinhadas politicamente a discursos anarquistas/libertários e originadas do empenho de punks vindos de diferentes áreas do Distrito Federal, como esclarece o entrevistado Robson “Fofão”:

A banda Alarme foi formada em 1988 e ainda está em atividade. Também tinha o Pastel e Caldo de Cana que começou em 1988 e contava com integrantes de Taguatinga, Gama e Sobradinho. Outras bandas que tiveram por aqui nessa época foram o Reprecaos, mas acho que essa banda não durou muito. A banda Escroteiros era de Taguatinga, mas o baterista era do Gama. Também tinha a Exo7 desse tempo aí que mais tarde veio a se fundir com a banda Alarme. Dia D também é uma banda punk dessa mesma época.¹⁵

É possível identificar a movimentação das bandas punks citadas no excerto supracitado como o embrião para o desenvolvimento da cena punk do Distrito Federal na

¹⁴ Entrevista com “Clebão” Rodrigues, integrante da banda punk Os Maltrapilhos, 09/10/2018.

¹⁵ Entrevista com Robson “Fofão”, integrante da banda punk Besthöven, 09/10/2018.

primeira metade da década de 1990. Calçados em um conjunto de preceitos, costumes e estilo de vida inspirados nas vertentes *hardcore* e *anarchopunk*, grupos punks das cidades-satélites e região do entorno como Desakato À Autoridade, C.S.M, Infame, Fecalóide, Vernom Walters, Aborto do Sistema, T.F.P., Escória Sub, Acefalia, Musikastro, Os Maltrapilhos, Aversão e Besthöven organizavam cooperativamente protestos, manifestações, *gigs* e festivais como *Infeliz Ano Velho* (Gama/DF), *HC Festival* (Plano Piloto/DF), *O Panetone Que O Diabo Amassou* (Gama/DF) e *Show Em Prol Do Voto Nulo* (Cidade Ocidental/Entorno), entre outros. O caráter cooperativo e de sociabilidade entre os coletivos, bandas e sujeitos no âmbito dessa movimentação nos permite, de fato, falar da constituição de uma cena punk nas cidades-satélites do Distrito Federal em fins dos anos 1980 e primeira metade dos anos 1990, aspecto aqui compreendido a partir do prisma fornecido por O'Hara (2005), autor que usa a expressão “cena” para se referir a comunidades e ambientes por onde punks circulam e nos quais esses sujeitos desenvolvem as mais diversas atividades de caráter político, filosófico, ideológico e artístico-cultural (p. 22; 185).

A quase completa ausência de registros que contemplem a efervescência dessa cena punk desenvolvida nas áreas periféricas do Distrito Federal e Entorno entre as décadas de 1980 e 1990 reflete as desigualdades socioeconômicas que articulam as relações centro-periferia da cidade. Desse modo, a supressão das memórias do punk das cidades-satélites nas narrativas difundidas oficialmente ou legitimadas nos discursos midiático e acadêmico, memórias de uma expressão tida como periférica, suburbana e, por vezes, adjetivada como radical e violenta se explica pelo seu caráter de conflito diante das narrativas oficiais acerca do punk e do rock de Brasília.

Observa-se a incidência de um projeto homogêneo de valorização de memórias de grupos dominantes da cidade, mas que, paulatinamente, encontra resistência na medida em que emergem as memórias subterrâneas do punk das satélites. Não por acaso, o ato de revolver historiograficamente as narrativas de outros e novos atores sociais ligados ao punk no Distrito Federal traz à tona memórias subterrâneas que dizem respeito a essa cena mantida em segundo plano e, conseqüentemente, desencadeia processos políticos que envolvem disputas e negações, declaradas ou não, entre os diferentes grupos punks que historicamente circulam pela cidade. Silva (2003) oferece aporte à compreensão dessa questão, ao afirmar que tais disputas corroboram o fato de que certos grupos, ainda que dominados, preservam poderes que os fazem capazes de fazer frente a narrativas elitistas e excludentes (Cf. SILVA, 2003, p. 67). O esforço de trazer à tona memórias que se referem às manifestações políticas e

culturais do punk da periferia do Distrito Federal dialoga, assim, com a ideia de compreendê-lo para além das referências estáticas e absolutas acerca do que foi o punk nos contextos analisados (Cf. VIEIRA, T. 2012, p. 16).

Necessário assinalar, ainda, o papel das imagens do punk difundidas nos veículos midiáticos locais. Trata-se de representações que subjetivam o sujeito punk com origens nas cidades-satélites enquanto pertencente a algum “submundo”, um sujeito marginalizado ou *outsider*. A reportagem intitulada “Entre dois submundos”, publicada no jornal Correio Braziliense em 03 de agosto de 2010, por exemplo, reforça antagonismos socioeconômicos e identitários entre os punks de regiões periféricas e os punks filhos das elites locais, esses últimos alçados à condição de ídolos do rock nacional no discurso do referido veículo de mídia. A reportagem trata do lançamento do livro “O anjo de butes”, de autoria do punk Fernando Carpaneda, artista plástico nascido na cidade-satélite de Taguatinga e radicado em Nova Iorque. Segundo a narrativa, Carpaneda sempre transitou exclusivamente pelos espaços do “subterrâneo” ou do *underground*, construindo-se a partir da experiência do artista um contraponto aos punks mais notórios de Brasília da década de 1980, originários de estratos da elite de Brasília. Desdobramentos da identidade do sujeito punk periférico, decorrentes das contradições sociais típicas do Distrito Federal se revelam no trecho a seguir:

Fernando Carpaneda tem uma relação de amor e ódio com Brasília. Viveu a década de 1980 entre Taguatinga e o Plano Piloto. Atravessava a cidade de carona ou ônibus e aprendeu que ser punk da periferia era bem diferente de calçar coturnos e morar na Asa Sul. Carpaneda ainda era um adolescente quando seu aspecto pouco convencional barrava a entrada em coquetéis de galerias de arte. No entanto, as pinturas do rapaz eram boas o suficiente para atrair compradores nas mesmas galerias de arte. Brasília então virou uma terra de contrastes no entendimento do então jovem artista [...]. O Anjo de Butes é também uma crítica muito pessoal do autor à cultura punk rock da capital. Carpaneda não se cansa de se diferenciar do que chama de punks burgueses, filhos de diplomatas antenados com as novidades de Londres e Nova York (MACIEL, 2010, p. 5).

Esses enunciados propiciam a entrever questões de classe e territorialidade, estruturando a identidade do sujeito punk da periferia do Distrito Federal. Aí se revelam fatores socioespaciais que incidem em processos de subjetivação tanto do sujeito punk de regiões periféricas e menos privilegiadas economicamente, quanto de punks com origens nas elites que habitam as regiões centrais de Brasília. O excerto destacado sugere uma perspectiva midiática que difunde imagens do punk periférico enquanto sujeito marcado pela abjeção. Em resumo, é possível identificar no discurso do jornal Correio Braziliense a incidência de um processo de classificação normativa de indivíduos que fazem parte de um grupo privilegiado

em desfavor de outro grupo considerado *outsider*¹⁶, colocado na condição de “outro” ou não pertencente para fins de controle e assujeitamento (Cf. HALL, 2016, p. 192).

As narrativas hegemônicas que perpassam o discurso midiático, bem como determinadas pesquisas acadêmicas ou independentes, revelam a permanência de perspectivas historiográficas que, operando o apagamento e a subalternização de memórias de grupos e sujeitos punks provenientes das periferias do Distrito Federal, inclinam-se a articular a subjetivação de jovens de estratos sociais privilegiados como únicos e exclusivos protagonistas das movimentações artísticas, culturais, políticas e filosóficas que dizem respeito à história do punk no Distrito Federal. Ainda que alguns autores façam breves menções à presença de sujeitos originários das cidades-satélites no cenário punk de Brasília dos anos 1980 e 1990, a maioria das narrativas fazem poucas referências a bandas, *zines*, gigs, atos, manifestações, protestos e intervenções urbanas protagonizados por sujeitos periféricos dentro e fora de seus locais de origem. Difundir o protagonismo e a participação de sujeitos punks periféricos na construção desse cenário é um exercício de questionamento dos ordenamentos discursivos elitistas, exclusivistas e segregacionistas que têm reiteradamente produzido arquétipos de “heróis”, “ícones” ou “gênios” do punk rock de Brasília. Assim, os discursos, representações, imaginários, sentidos e significados mais comuns acerca do punk do Distrito Federal subjugam e inferiorizam identidades, modos de ser, expressões culturais, realizações e outras particularidades do jovem punk de periferia.

Considerações finais

Investigar as memórias de sujeitos punks imersos na realidade periférica das cidades-satélites de Brasília se refere, fundamentalmente, à escavação de narrativas a respeito de manifestações políticas e culturais percebidas socialmente como minoritárias e dominadas (POLLAK, 1989, p. 2). Trata-se de narrativas que preservam a propriedade de questionar e fazer frente às memórias hegemônicas ou oficiais que se referem ao ser punk no Distrito Federal, primordialmente fixadas em representações de jovens filhos das elites locais, tornados ídolos do rock nacional no decorrer dos anos 1980. Desse modo, falamos de narrativas que são suprimidas diante de outras que triunfam, revelando múltiplas memórias do punk de Brasília, marcadas por relações de poder e heterogeneidade (SILVA, 2003, p. 67).

¹⁶ O sujeito punk é um *outsider*, já que se constitui em oposição a regras e convenções de grupo. Desde muito tempo, há discursos difundidos na mídia que reforçam aspectos considerados desviantes no comportamento punk, associando-o à violência, delinquência, agressividade e vandalismo, como estigmas de controle e a marginalização. Ver PEREIRA; BOESCHENSTEIN, 2016, p. 81.

Uma vez que ainda há pouca problematização em torno dos enunciados que asseveram uma história do punk de Brasília como necessariamente encerrada aos limites do Plano Piloto, cabe colocar indagações que propiciem a emergência de memórias subalternizadas que façam frente às memórias impositivas veiculadas em diferentes suportes discursivos que falam do punk na cidade. Por conseguinte, compreendemos que o esforço por conferir visibilidade às memórias silenciadas e subalternizadas do punk das cidades-satélites, urdido nos “extramuros” de Brasília, se constitui em um exercício de desconstrução/desnaturalização das perspectivas unívocas que, em geral, perpassam as abordagens historiográficas, cinematográficas e midiáticas que o têm como objeto.

Referências bibliográficas

ANDRADE, R.P. **Rock dos anos 80 e 90: dos filhos da revolução aos filhos revolucionários**. Anais Comunicon 2015. Escola de Comunicações e Artes – ECA/USP. 2015. PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015). Disponível em: <http://anais-comunicon2015.espm.br/GTs/GT8/12_GT8_RogérioPelizzari.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2021.

ALCÂNTARA, M. O. **Violentos, selvagens e baderneiros: representações e modos de subjetivação do punk no jornal Correio Braziliense (1990-2014)**. 2019. 204 f., il. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

BARRAL, G. L. L. **Espaços de lazer e culturas jovens em Brasília: o caso de bares**. 2006. 144 f., il. Dissertação (Mestrado em Sociologia Urbana) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

BRITO, E. Z. C. História e música: tecendo memórias, compondo identidades. **Textos de História**, Brasília, v.15, n. 1/2, p. 209-223, 2007. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27993>. Acesso em 15 jul. de 2020.

CROSS, R. Stop the city showed another possibility: mobilisation and movement in anarcho-punk. In: M. DINES and M. C. WORLEY. **The Aesthetics of Our Anger: anarcho punk, politics and music**. Nova Iorque: Minor Compositions, p. 117 – 155.

GÜNTHER, W. R. **Que cidade é esta? A urbs brasiliense nas letras do álbum Que País é Este 1978/1987 da banda Legião Urbana**. 2013. 97 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio: Apicuri, 2016.

MACIEL, N. Entre dois submundos. **Correio Braziliense**. Brasília, 3 ago. 2010. Diversão & Arte, p. 5.

MAGI, E. Um Renato Russo predestinado. **PROA Revista de Antropologia e Arte**, v. 1, n. 5, 1 dez. 2014.

MARCHETTI, P. **O Diário da Turma. 1976-1986- A história do rock de Brasília**. São Paulo: Conrad Editora, 2001.

NUNES, B. F. **Brasília: problematizando a cultura de uma cidade-estado**. Caderno CRH, Salvador, n. 38, jan.- jun. p. 127-152, 2003.

O'HARA, C. **A filosofia do punk: mais do que barulho**. São Paulo: Radical Livros, 2005.

OLIVEIRA, W. C. **Novas espacialidades e a densificação populacional na Área de Tutela do Bem Tombado do Plano Piloto de Brasília - RA-I. 2017**. xxi, 280 f., il. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

PEREIRA, C. S.; BOESCHENSTEIN, L.P. Do fanzine ao magazine: uma análise das representações do punk pela publicidade. *In: Comunicação, Mídia e Consumo*, 2016. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/download/1055/pdf>. Acesso em: 21 fev. 2021.

POLLAK, M. Memória e identidade social. *In: Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SILVA, M. A. Memória ou experiências de saberes. *In: História: o prazer em ensino e pesquisa*. São Paulo: Brasiliense, 2003, p. 61-77.

SPINK, M. J.; MEDRADO, B. Produção de Sentido no Cotidiano: Uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. *In: SPINK, Mary Jane P (org.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. Edição virtual. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013. p. 22-41.

TAVARES, B. L. **Na quebrada, a parceria é mais forte - Juventude hip-hop: relacionamento e estratégias contra a discriminação na periferia do Distrito Federal**. 2009. 323 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

TEIXEIRA, A. L. **O movimento punk no ABC paulista – Anjos: uma vertente radical**. 2007. 227 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

TURRA NETO, N. **Enterrado, mas ainda vivo!: identidade punk e território em Londrina**. 2001. 179 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2001

VESENTINI, J. W. **A capital da geopolítica**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

VIEIRA, E. **Esfolando ouvidos: Memórias do hardcore em Brasília**. Brasília: Edição do Autor, 2005.

VIEIRA, T. Uma outra historiografia do Punk. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, Dourados, v. 5, n. 10, jan. 2012. ISSN 1981-2434. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/1485/886>>. Acesso em: 16 fev. 2021.

WEHLING, A. WEHLING, M. J. As estratégias da memória social. *In: Brasilis: revista de história sem fronteiras*. Rio de Janeiro: Editora Atlântida, 2003.

SOBRE O AUTOR

Moacir Oliveira de Alcântara

Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (PPGHIS/UnB). Mestre em História pela mesma instituição, com habilitação na área de concentração Sociedade, Política e Cultura (linha de pesquisa: História Cultural, Memórias e Identidades). Atualmente cursando Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB). É pesquisador associado à rede Punk Scholars Network Brasil (PSN/Brasil). Trabalha com temas que relacionam a História com a produção de sentidos pela linguagem, representações, identidades, processos de subjetivação, estereótipos, raça, racismo e movimentos contraculturais.

Recebido em agosto de 2021

Aceito para publicação em novembro de 2021

Publicado em dezembro de 2021